

A PSICOLOGIA

e a exploração

DA PERCEPÇÃO, COGNIÇÃO, EMOÇÃO E PERSONALIDADE



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

A PSICOLOGIA

e a exploração

DA PERCEPÇÃO, COGNIÇÃO, EMOÇÃO E PERSONALIDADE



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A pesquisa em psicologia: contribuições para o debate metodológico 2

Diagramação: Gabriel Motomu Teshima
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P474 A pesquisa em psicologia: contribuições para o debate metodológico 2 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-769-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.694211512>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A Psicologia, em sua origem, se estruturou tomando por base os estudos filosóficos e fisiológicos das atividades consideradas psíquicas. Pensamento, emoção, volição, linguagem, percepção entre outras das consideradas funções superiores são foco nessa edição da Coleção *A psicologia e a exploração da percepção, cognição, emoção e personalidade* que reúne, nesse volume, vinte e um artigos com resultados de trabalho de pesquisadores dos mais diversos países.

Essas pesquisas abordam esses fenômenos a partir de várias atuações do psicólogo, quer seja em equipes multiprofissionais, quer seja autonomamente, em clínicas, escolas, na saúde, e em trabalhos de ordem social. Espero que todos tenham uma boa leitura e que estas pesquisas possam propiciar enriquecimento e abertura da visão dos mesmo sobre novos aspectos da vida psíquica.

Boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TRAVESSIAS EM O FILME DA MINHA VIDA @ UN PADRE DE PELÍCULA Sandra Beck da Silva Etges  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115121	
CAPÍTULO 2	8
A DEVASTAÇÃO FEMININA NO CORPO DE FRIDA KAHLO Larissa Tainá Barbosa de Lima Heloisa Maria da Silva Castro Gabriella Dupim  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115122	
CAPÍTULO 3	23
JANE AUSTEN: ROMANCES OU MANIFESTOS FEMINISTAS? Ellen Ramos Prudente Jacir Alfonso Zanatta  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115123	
CAPÍTULO 4	36
ALGUNOS LÍMITES DE LA MENTIRA, CONSCIENTE E INCONSCIENTE Andrés Joaquín Seballos Vergara  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115124	
CAPÍTULO 5	42
SÍNDROME DE AMOK EN UN CUADRUPLE CRIMEN, ACTING OUT E IMPULSIVIDAD PATOLÓGICA Bernat-Noël Tiffon Nonis  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115125	
CAPÍTULO 6	48
TRASTORNO PSICÓTICO DELIRANTE, CONSUMO DE TÓXICOS Y ASESINATO CON ALEVOSÍA Y ENSAÑAMIENTO Bernat-Noël Tiffon Nonis  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115126	
CAPÍTULO 7	55
ASESINATO INDUCIDO DELIRANTEMENTE POR UNA “FOLIE À DEUX” Bernat-Noël Tiffon Nonis  https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115127	
CAPÍTULO 8	60
BLOCO DE NOTAS TERAPÊUTICO: UM CAMINHO PARA A FELICIDADE E BEM-ESTAR Paula Isabel Gonçalves dos Santos	

Jorge Rodrigues Saraiva
Edgar Martins Mesquita
Marta Silva Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115128>

CAPÍTULO 9..... 71

ESTUDIO EXPLORATORIO SOBRE EL BIENESTAR PSICOLÓGICO EN PERSONAS DE LA TERCERA EDAD


Blanca Leonor Aranda Boyzo
Francisco Jesús Ochoa Bautista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6942115129>

CAPÍTULO 10..... 82

DOBLE FILICIDIO POR SUICIDIO AMPLIADO (FRUSTRADO) DE UN SUJETO AFECTO DE DEPRESIÓN MAYOR PSICÓTICO Y TRASTORNO DE LA PERSONALIDAD DEPENDIENTE


Bernat-Noël Tiffon Nonis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151210>

CAPÍTULO 11 94

O USO DE REDES SOCIAIS COMO MEIO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EM TEMPOS PANDÊMICOS: PROJETOSAÚDE E AMBIENTE EM AÇÃO


Luiz Felipe dos Reis Neves
Marlon Estevan Marcelino Tinoco
Letícia Mercêdes Gomes Correia Martins
Rafael Douglas Inácio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151211>

CAPÍTULO 12..... 109

DETECCIÓN DE ANSIEDAD EN USUARIOS DE SERVICIOS DE SALUD EN UNA POBLACIÓN MEXICANA

Blanca Leonor Aranda Boyzo
Francisco Jesús Ochoa Bautista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151212>

CAPÍTULO 13..... 116

SUICÍDIO DE FUMICULTORES NO RIO GRANDE DO SUL

Jovana Bernardt
Tatiana Dimov


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151213>

CAPÍTULO 14..... 128

RELATO DE CASO CLÍNICO: PACIENTE COM DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS – DISCUSSÃO DA EFETIVIDADE PSICOTERAPÊUTICA EM ASSOCIAÇÃO AO TRATAMENTO FARMACOLÓGICO

Regiane Cristina do Amaral Santos
Glaciane Sousa Reis


Luiz Filipe Almeida Rezende
Keila Luiza dos Santos
Vanessa Lima de Oliveira
Thais Mikaelly Almeida Pereira
Patricia Carine Silva Almeida
Lidiane Ferreira da Silva
Camila Feitosa Oliveira
Pedro Carvalho Doudement Neto
Lustarllone Bento de Oliveira
Karen Setenta Loiola

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151214>

CAPÍTULO 15..... 137

BI-FACTOR HIERARCHICAL MODEL OF PROCRASTINATION: PRESENTATION AND INITIAL EVIDENCE OF VALIDITY


Cristiano Mauro Assis Gomes
Mariana Prates Rozenberg

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151215>

CAPÍTULO 16..... 157

HIPNOSE NA PSICOLOGIA MODERNA

Celia Martins Cortez
Danielle Viana Magalhães

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69421151216>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 175

ÍNDICE REMISSIVO..... 176

A DEVASTAÇÃO FEMININA NO CORPO DE FRIDA KAHLO

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 16/09/2021

Larissa Tainá Barbosa de Lima

Psicóloga Pós-graduanda no Programa de Residência em Atenção Materno-Infantil pela Escola Multicampi de Ciências Médicas/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMCM/UFRN)
Caicó – Rio Grande do Norte
<http://lattes.cnpq.br/2274674359066238>

Heloisa Maria da Silva Castro

Psicóloga Pós-graduanda em Saúde Mental e Rede de Atenção Psicossocial pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo-IESM, Campina Grande - PB
<http://lattes.cnpq.br/9335202523345095>

Gabriella Dupim

Psicanalista. Pós-doutoranda em Psychopathologie et Psychanalyse - Université Rennes 2. Profa. Programa de Pós-graduação em Psicologia Práticas e Inovação em Saúde Mental - Universidade de Pernambuco (Garanhuns). Profa. Adjunta Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande. Coordenadora do Laboratório de Psicanálise de Orientação Lacaniana – LAPSO (UFCG/ CNPq). Docteure en Psychologie Université Rennes 2. Doutora em Psicologia UFRJ. Mestre em Psicologia UFRJ
<http://lattes.cnpq.br/6665862602062717>
<https://orcid.org/0000-0002-1585-416X>

RESUMO: O termo devastação é utilizado por Lacan para abarcar o desamparo com o qual é acometido o sujeito na posição feminina em relação a perda do amor. Freud já utilizava o termo catástrofe para definir o que uma mãe pode ser para uma filha, que teria sua fonte na relação pré-edipiana. Lacan, por sua vez, tomando o gozo como ponto de partida, vai definir duas posições - fálico e não-todo fálico - para descrever os modos de gozo masculino e feminino. Sob o enunciado de que o falo é um significante, o aspecto infinito do modo de amar localizado na posição feminina, deve-se à inexistência de um significante que possa dizer d'A Mulher. A devastação pode se dar a partir da relação mãe e filha, já que a menina busca na mãe esse significante, que também não possui. Na análise da vida e obra de Frida Kahlo, verificamos hipóteses de como a devastação se deu na sua relação com a mãe, na parceira amorosa e no seu corpo. A dor, que possui uma função singular especialmente na devastação, é o principal tema das obras de Kahlo, que também aparecia nas cartas a amigos e nas páginas de seu diário. Dessa forma, o presente artigo buscou desenvolver as principais questões concernentes à posição feminina para a psicanálise e investigar os efeitos da devastação feminina no corpo, na obra e biografia de Frida Kahlo. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica orientada a partir dos conceitos desenvolvidos por autores relevantes para o tema pesquisado, além da análise da biografia da artista.

PALAVRAS-CHAVE: Devastação, Corpo, Feminino, Dor.

THE FEMININE RAVAGE IN THE BODY OF FRIDA KAHLO

ABSTRACT: The word *ravage* is used by Lacan to encompass the helplessness with which the subject in the feminine position is affected about the loss of love. Freud wore the word *catastrophe* to define what a mother can be for a daughter, whose origins are set in the pre-oedipal relationship. Lacan, in turn, taking *jouissance* as the starting point, will define two positions - phallic and not-all phallic - to describe the modes of male and female *jouissance*. Under the statement that the phallus is a signifier, the aspect of infiniteness in the mode of love located in the feminine position is due to the inexistence of a signifier that can be said of the Woman. Ravage may happen through the mother and daughter relationship, as the girl searches in the mother for this signifier, who as well does not own it. In the analysis of Frida Kahlo's life and work, we see hypotheses of how ravage occurred in her relationship with her mother, in her love partnership and in her body. Pain, which has a singularly especial function in ravage, is the main theme in Kahlo's works, also appearing in letters to friends and pages of her diary. From this observation, the present paper seeks to approach the main questions regarding the feminine position to psychoanalysis and investigate the effects of ravage to the body in the work and biography of Frida Kahlo. For that purpose, a bibliographic review was conducted based on concepts developed by authors considered relevant to the theme, along with the analysis of the artist's biography.

KEYWORDS: Ravage, Body, Feminine, Pain.

INTRODUÇÃO

Falar sobre corpo e devastação implica remeter-se à feminilidade. A análise freudiana do feminino se desenvolveu em torno do que o autor denominou *Penisneid*, inveja do pênis; o mito edípico explicará a diferenciação da constituição psíquica entre o menino e a menina indicando a lógica fálica como determinante ordenadora da diferenciação sexual. Freud (1931) demarca também a existência de uma fase pré-edípica marcada pela forte ligação com a mãe, mas que na menina é a fonte do que ele denomina catástrofe; esta descoberta esclarecerá em certa medida suas considerações acerca da sexualidade feminina.

Freud sempre assumiu uma especial dificuldade em tratar acerca do tema do feminino. Tomava a mulher como um enigma e permaneceu na questão. Lacan avançará do campo mítico freudiano revelando o campo do gozo, abrangendo ainda os campos da linguagem e do corpo, indicando nesta dimensão a devastação feminina. Ao olhar para a questão feminina a partir da ótica dos três registros - real, simbólico e imaginário – a leitura lacaniana pôde ir além do fenômeno denominado *Penisneid*, além do Édipo, indicando que o falo, no registro simbólico, trata-se de um significante e não corresponde a um órgão biológico.

Tomamos a história da renomada pintora Mexicana Frida Kahlo para pensar essas e outras questões concernentes. Mesmo com toda a tragicidade presente em sua vida, Frida dava a sua tristeza um destino singular, sendo descrita por conhecidos como uma mulher intensa, que se vestia de forma inconfundível, nada discreta, de personalidade irreverente,

altas gargalhadas. Contudo, a dor, que possui uma função especialmente na devastação, é o principal tema das obras de Kahlo, que também aparecia nas cartas a amigos e nas páginas de seu diário, pois ao mesmo tempo em que alardeava suas alegrias, necessitava localizar as suas dores (DUPIM, 2014).

Aos seis anos de idade, Frida passou nove meses confinada no seu quarto por ter adquirido poliomielite, doença que prejudicou o desenvolvimento da sua perna direita, que ficou atrofiada. Quando pequena, sofria com as piadas dos amigos por conta de sua deficiência, que ela escondia com calças compridas, várias camadas de meia e um sapato com salto. Na vida adulta, as longas saias *tehuanas* coloridas e decoradas eram parte do seu disfarce e insígnia.

Aos dezoito anos de idade, sofreu um acidente quando um bonde se confrontou com o ônibus que a levava para a escola – foi empalada por uma barra de ferro, teve a coluna fraturada, um pé quebrado e a pélvis esmagada – o que fez com que precisasse se submeter a diversas cirurgias e usar coletes ortopédicos, além de conviver com a dor física até o fim da sua vida. Por conta de sua fratura na pélvis sofreu sucessivos abortos espontâneos e cirúrgicos, não podendo realizar seu desejo de ser mãe e ainda vivenciando um relacionamento conturbado com Diego Rivera, com quem compartilhou muitos anos de sua vida.

Com o acidente do ônibus Frida ficou acamada por um longo período e viu na pintura uma forma de expressar o que acontecia com ela e com seu corpo, que era tudo o que mais a interessava, como diz a sua famosa frase. Nos quadros, a sua imaginação era capaz de enxergar muito além da pele, do corpo real, e por isso, revirava seu corpo. A sua solidão, que a acompanha desde criança, fez com que se voltasse para si mesma, criando essas representações em suas obras e em seu estilo.

Pretendemos, assim, tecermos algumas considerações sobre os temas do corpo e da devastação feminina sob a ótica da psicanálise através da análise da vida e obra da pintora mexicana Frida Kahlo. O estudo se deu através da análise da biografia da artista, escrita por Hayden Herrera (2011), em que apresenta a história de Frida a partir de relatos de conhecidos, fotografias de família, entrevistas, obra, cartas e acervo de seu diário.

Apesar de tomarmos a biografia como fonte documental para entendermos a sua história, não se trata aqui de tomarmos a pessoa de Frida Kahlo como um sujeito em análise. Buscamos, na verdade, levantar pistas que indiquem no que a sua arte colabora para uma estabilização do sentido do sintoma, quando a devastação vai bem por um caminho oposto. Sustentamos, então, a hipótese de que a arte, seja por meio da pintura, da escrita, ou de sua auto-expressão, possa ter sido suporte para que Frida pudesse encarar o Real imposto, um enquadramento ao ilimitado do gozo.

11 O CORPO

A questão do corpo sempre se situou de forma muito significativa para a psicanálise, contudo, o percurso das elaborações sobre o estatuto do corpo passou por formulações importantes desde as primeiras construções psicanalíticas. As experiências de Freud no Hospital da Salpêtrière, em Paris, o conduziram a investigar com profundidade, junto ao médico e professor Charcot, os impasses da clínica médica. Mais especificamente, ele se inclinara a estudar a histeria e os métodos do hipnotismo e da sugestão. Freud era médico neurologista, mas sua sensibilidade na atividade médica possibilitou interrogar-se acerca dos fenômenos da histeria e perceber que a etiologia dos fenômenos patológicos não se dava de modo puramente consciente. Seu grande passo em desvincular a causa das patologias ao puramente orgânico o fez seguir nas formulações sobre o inconsciente, elaborando em sua metapsicologia conceitos fundamentais para se compreender o estatuto do corpo.

Freud (1895) interessava-se pela queixa de pacientes que sofriam de dores corporais em que não eram encontradas lesões que prejudicassem o funcionamento do organismo. O autor depreende de suas observações clínicas o conceito de pulsão. Localizado na fronteira entre o somático e o psíquico, consiste na afirmação de que o corpo possui um valor erógeno. Segundo Besset (2010) ele identificava nesse corpo o sintoma histérico, “sintoma que fala”, o que indicava um determinismo psíquico da dor. Partiremos desta perspectiva, mas esclarecemos que retomaremos as obras freudianas a fim de articular melhor a temática do corpo na elaboração final desta pesquisa.

Florência Fárias (2010) afirma que o corpo está envolvido tanto no mistério da histeria como também do feminino. E que corpo seria esse? É necessário, de antemão, esclarecer que não se trata do organismo biológico. Trata-se do corpo atravessado pela linguagem, que se encarrega de fazer a distinção entre o corpo da ordem biológica e o do sujeito. É o efeito da linguagem que produz o corpo, pois não se nasce com um.

Lacan (1949) postulou sobre a primeira identificação da imagem do corpo, que se dá no campo do imaginário durante o estágio de espelho, quando a criança reconhece, a partir da identificação da imagem do outro, a sua própria imagem ao se ver refletida no espelho. Esse reconhecimento derroca em um sentimento de unidade corporal, enquanto não há nenhuma unidade, constituindo o eu-ideal, sendo esta a origem das identificações secundárias; esta última possui funções de normalização libidinal, que se trata da busca do sujeito pelo reconhecimento do outro nele mesmo. Trata-se da “matriz simbólica em que o eu se precipita numa forma primordial” (LACAN, 1949, p. 97), antes de sua identificação com o outro e do choque com a linguagem lhe restituir sua condição de sujeito. A função da imago seria, portanto, estabelecer uma relação entre o *Innenwelt* (mundo interior) e *Umwelt* (ambiente/mundo exterior). (LACAN, 1949)

Em relação a esse ponto, que se trata do primeiro ensino de Lacan, Miller (1998)

afirma que o autor localizava o corpo e a libido na ordem imaginária, sendo que esta relação situa uma satisfação interna ao simbólico, se referindo a uma satisfação de ordem puramente significativa, em que há um gozo sem o corpo. Ao longo de seu ensino, Lacan vai demonstrar uma relação möebiana dos efeitos do significante no corpo (MILLER, 1998): um não se define sem o outro.

Aí se encontra a causa de uma etiologia sexual, que não pode ser confundida a uma etiologia puramente biológica (VILANOVA, 2010). É estabelecida uma relação entre o gozo e o significante, onde a definição de um, depende do outro, e vice-versa. O significante faz referência ao corpo sob a modalidade do sintoma em seu caráter de real, o que quer dizer que a marca do significante no corpo determina o regime de gozo do ser falante. Para Freud o corpo é pulsional, enquanto para Lacan, ele é ao mesmo tempo imaginário, simbólico e real. Trata-se, então, de um corpo constituído pelo significante, pela imagem, pelo gozo e seus objetos.

Neste sentido, nos remetemos à histeria destacando que há algo que escapa à simbolização, fazendo com que a história se inscreva nos sintomas corporais (FARÍAS, 2010), ou seja, o corpo se constrói como efeito da palavra. Chegamos ao ponto, então, que abarca a relação de Frida com seu próprio corpo e as marcas de sua história, que parece se dar a partir de uma posição histérica.

Na vida de Frida, a poliomielite aos seis anos e o acidente de ônibus aos dezoito anos integram a história da artista como acontecimentos traumáticos. Mandil (2014) considera o encontro traumático como resultado do choque entre *lalíngua* - o significante operando fora do sentido - e o corpo, produzindo como resultado um acontecimento de corpo, que é da ordem do real. O sujeito é marcado por um vazio produzido pela castração, e então, o acontecimento de corpo, associado a um gozo “desviante” em relação a um suposto gozo “natural”, toma a forma desse vazio e se fixa de uma maneira definitiva (MANDIL, 2014). Frida descreve esse seu encontro com o real em uma carta ao seu então namorado, Alejandro:

[...]Não faz muito tempo, coisa de poucos dias atrás, eu era uma criança saracoteando por um mundo repleto de cores, de formas sólidas e tangíveis. Tudo era misterioso e havia algo oculto, e adivinhar o que era não passava de um jogo para mim. Se você soubesse como é terrível saber tão de repente. Como se um raio elucidasse o planeta. Agora eu vivo num planeta doloroso, transparente feito gelo; mas é como se eu tivesse aprendido tudo de uma vez, em alguns segundos. Minhas amigas, minhas companheiras viraram mulheres lentamente, eu envelheci em poucos instantes e hoje tudo é ameno e lícido. Eu sei que não existe nada oculto, se houvesse eu veria. [...]” (HERRERA, 2011, p. 89)

Frida descreve como o acidente fez com que todo o mistério e as expectativas da juventude caíssem por terra, tornando explícito o vazio que a dor e a imobilidade do corpo lhe impunham, como se nisso houvesse também uma verdade que se desvela, como se a experiência lhe trouxesse algo já conhecido. Começa a pintar durante os meses em que

ficou acamada, encontrando na arte uma forma de lidar com a dor e com toda a novidade inesperada. A cena do acidente só foi retratada em pintura treze anos após o acontecido, em 1940, numa tela que denomina *Retablo*.

Quando tomamos as primeiras teorizações freudianas a respeito do trauma (LEITE, 2007), já se verifica a presença de dois tempos operando de forma não linear, produzindo assim um efeito. Isso quer dizer que uma “resposta sintomática” ao trauma é apenas constituída nesse segundo tempo, que é quando o sujeito recorre à lembrança, que, possivelmente, estava recalçada. Do primeiro tempo, fica o traço psíquico de uma intrusão da presença do Outro, traumatismo próprio da entrada na linguagem. Já no segundo, esse traço é revivido a partir do que escapou à simbolização, em seu puro traço de gozo, criando um hiato, um buraco no simbólico.

Vemos operar uma relação tensional entre a realidade, a da história dos acontecimentos da vida do sujeito, e a fantasia, que busca articular uma explicação para esses acontecimentos enigmáticos. Leite (2007) explica que “se por um lado o fantasma se erige em resposta à falta posta em cena pelo encontro com o real; por outro, ele não deixará de revelar isso que encobre” (p. 121). A forma como se dá essa relação vai estabelecer determinada relação com o gozo e com o desejo, a partir do que se constituiu como o Outro do sistema significante e do lugar do Outro como um corpo gozante.

Nos seus autorretratos, a artista busca reinventar um novo corpo para si, corpo este, que não correspondia à sua imagem real, mas que para ela era capaz de retratar o seu sofrimento físico e emocional. Da mesma forma em que, nas cartas endereçadas à Alejandro, lhe dizia “que queria que ele soubesse como era seu sofrimento, detalhe por detalhe, ‘minuto a minuto’, em suas pinturas a intenção de Frida era dar a conhecer sentimentos dolorosos” (HERRERA, 2011, p. 98), o que é uma forma do corpo histórico falar. Como nos aponta Farías (2010), a “histeria reinventa um corpo no corpo, faz como se a anatomia não existisse (...), há uma anatomia imaginária, que respondem às necessidades de seu sintoma” (p. 2).

Deste modo, veremos no próximo tópico a respeito da devastação feminina, destacando a posição da mulher nas fórmulas da sexuação lacanianas no lado não-todo fálico. Como ressalta Drummond (2011) com relação à devastação “para a mulher haveria uma versão de gozo que aponta para um sem limites em sua experiência corporal, para o infinito, já que não há uma exceção que a constitua como categoria universal” (p. 10).

2 | O FEMININO E A DEVASTAÇÃO

A questão do feminino constitui o ponto de partida para a psicanálise. Ao buscar ouvir as históricas, Freud se deparou com o que ele denomina por um enigma. O seu texto *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925) serve como base para posteriormente desenvolver suas ideias sobre o desenvolvimento

psíquico das mulheres. Posteriormente, nos artigos *A feminilidade* (1933) e *Sexualidade feminina* (1931), denota que não há uma simetria entre os sexos no que diz respeito ao desenvolvimento a partir dos complexos de castração e de Édipo.

Numa relação pré-edipiana, o menino e a menina possuem a mãe como primeiro objeto de amor. A menina, para alcançar uma situação edipiana normal, como pontua Freud, teria que trocar de zona erógena e de objeto, enquanto o menino preserva ambos ao longo da vida. Isso significa o desprendimento da mãe enquanto objeto de amor, por reconhecê-la como castrada, para dirigir esse amor ao pai; e a troca da zona erógena clitoriana para a vagina. Essas duas trocas, para Freud, são semelhantes e devem ocorrer simultaneamente, o que indicaria a entrada da menina no complexo de Édipo (FREUD, 1925, 1931, 1933). Freud (1931) destaca a importância da fase pré-edipiana nas mulheres, retirando o complexo de Édipo do núcleo das neuroses ou, ao menos, ampliando seu conteúdo de modo a incluir todas as relações da criança com ambos os genitores. Ele suspeita que quando certas mulheres permanecem presas em sua ligação original com a mãe isso influenciaria nas suas relações posteriores com os homens, e supõe que esta primeira “fase de ligação com a mãe esteja especialmente relacionada à etiologia da histeria” (p. 235). Essa fase seria marcada por um ódio da filha voltado para a mãe, que recebe a culpa por tê-la castrado imaginariamente, aliás, por ser também a mãe castrada. Esse sentimento, Freud denomina de catástrofe, termo que Lacan denomina como devastação, nos indicando as trilhas de suas investigações acerca do feminino.

Para articular a diferença na abordagem de Lacan, em relação a Freud, acerca do feminino, Suarez (2012) toma a questão que Freud deixou em aberto: “o que quer a mulher?”. Em seguida, sublinha que Lacan postulou, que ao formulá-la, tomando a mulher como um enigma, Freud abandona a pergunta sobre o gozo feminino. Suarez (2012) afirma que Lacan pretende localizar a psicanálise para um mais além do mito – freudiano, do Édipo e do Totem e Tabu –, e esse deslocamento provoca, conseqüentemente, um deslocamento do sintoma, “em direção ao real como fora de sentido” (SUAREZ, 2012, p. 91). E para se falar em gozo implica levarmos em conta o corpo: um corpo que é interseccionado pela linguagem, pelos laços sociais, e, portanto, passa pela castração. A incidência do significante sobre o corpo é o que determina os modos de gozo, o que procuramos esclarecer em seguida.

Sob as fórmulas da sexuação, Lacan (1972-1973) localiza duas lógicas de gozo distintos, o gozo masculino e o feminino: fálico, e não-todo fálico, também chamado gozo Outro ou suplementar. O gozo fálico supõe uma unidade, e é possível de se localizar no corpo, sendo caracterizado pelo limite; enquanto que o gozo feminino carece de localização corporal, sendo definido por um gozo não-todo, isto é, que ultrapassa os limites do gozo fálico ao assumir o seu caráter ilimitado (MILLER, 2016). As duas formas de gozo “indicam o que um sexo vai procurar no Outro, quer dizer, a forma que se impõe ao seu objeto” (MILLER, 2016, p. 34-35), a forma como cada falasser vai se posicionar em relação ao falo,

quer dizer, tê-lo ou sê-lo. Se o gozo masculino diz que todo sujeito se inscreve na função fálica, no gozo feminino há que instaurar o mais-além – do Édipo, do falo, do pai. O gozo feminino não é todo simbolizável: há uma porção desse gozo que está ligada ao falo; e há o não-todo, que escapa à castração (SUAREZ, 2012).

Lacan (1962-1963) já dizia que amar é dar o que não se tem, o que se identifica especialmente na forma de amar das mulheres, que demandam retoricamente que o parceiro profira seu amor em palavras, e é por meio da fala que o sujeito pode deparar-se com a falta (MILLER, 1998). Dupim e Besset (2011), afirmam que “para suprir o que falta, imprime-se para o sujeito o sintoma” (p. 1), e citam o que Miller (1998, p. 2) elabora acerca do parceiro-sintoma: “(...) o verdadeiro parceiro do sujeito é sua forma de gozar. Isso implica que há endereçamento do sintoma que faz laço com o Outro. Assim, toda parceria seria sintomática”.

Qual seria, pois, a razão da devastação para uma mulher? Quando o parceiro se torna parceiro-devastação para uma mulher? Na mulher devastada, a demanda de amor em seu caráter infinito dirigida ao parceiro retorna para ela mesma (DUPIM; BESSET, 2011). A devastação é “uma depredação que se estende a tudo” (MILLER, 2016), assim como aponta Drummond (2011): “se o sintoma é um sofrimento sempre limitado, um sofrimento localizado, a devastação não o é” (p. 11).

Para Lacan (1958), que evita exaltar a relação da criança com a mãe com a ênfase que é posta em Freud, a mãe ocupa um lugar de Outro primordial para o sujeito. O que importa, de fato, está na dialética do falo, enquanto significante, com o desejo do Outro. O sujeito busca, no desejo da mãe, “uma medida do lugar que ele procura ocupar diante de seu Outro”, tendo como princípio de que “essa dialética não dispensa o pai como terceiro que permitirá à criança (...) ser significantizada” (DRUMMOND, 2011, p. 7).

A menina, ao se dar conta da falta que também toma sua mãe, desprende-se da demanda a ela dirigida, no que, enfim, deve orientá-la para o pai, e é quando a menina ganha a possibilidade de simbolizar sua falta. No entanto, essa operação tem como condição a satisfação ou insatisfação da mãe enquanto mulher: “se ela é toda mãe, permanece o objeto único da filha única. A criança pode permanecer na posição de fetiche da mãe, ou ainda, converter-se num dejetivo” (p. 8). Eis que, a devastação “é o nome que ele (Lacan) dá ao que se localiza antes da relação edipiana da menina com seu pai. Devastação é um dos nomes que Lacan dá ao fracasso da metáfora paterna” (DRUMMOND, 2011, p. 4).

Tomamos aqui o que pudemos capturar da relação de Frida e sua mãe. Matilde Kahlo já tinha duas filhas quando engravidou do seu primeiro filho homem, mas a gestação não seguiu adiante por ela ter sofrido um aborto. Ainda vivenciando o luto da perda desse filho, engravidou de Frida e, posteriormente, de sua irmã mais nova, Cristina. Matilde caiu doente após o nascimento de Frida e durante certo período a menina foi amamentada por uma ama de leite indígena. As duas meninas mais novas da família eram, por vezes, entregues aos cuidados das irmãs mais velhas, em virtude da saúde e, supostamente, do

temperamento de sua mãe (HERRERA, 2011).

Frida retratou-se junto a sua ama de leite na tela denominada *Mi nana y yo* (1937). Na tela vemos a babá com o rosto coberto por uma máscara de pedra de *Teotihuacán*, que se trata de uma máscara utilizadas em rituais fúnebres para cobrir o rosto do morto, símbolo da transformação de uma forma humana para um estado de divindade. Além disso, Frida retratou-se em um corpo de bebê, deitada nos braços da ama, mas com seu rosto adulto e olhar penetrante dirigido ao expectador, parecendo estar sendo oferecida como vítima sacrificial.

Herrera (2011) aborda o sentimento ambivalente que demarca a relação de Frida com sua mãe. A autora expressa que “seu amor e seu desprezo – ficou evidente quando, em uma entrevista, ela descreveu a mãe como ‘cruel’ (por ter afogado uma ninhada de ratos) e ‘muito amável, ativa, inteligente’” (HERRERA, 2011, p.28). Quando sua mãe morreu, conta que “não conseguia parar de chorar”. No ano de 1932, vivendo nos Estados Unidos junto à Diego, após a perda do seu segundo filho, Frida começou a pintar a tela *Mi Nacimiento*. No mesmo ano sua mãe chegou a falecer e Frida pôde estar com ela no México, em seus últimos dias de vida. Após seu retorno à Detroit concluiu o quadro. Herrera (2011) detalha o que se vê na pintura:

“Vemos a enorme cabeça da criança emergindo entre as pernas abertas da mãe (...). Sobrancelhas pesadas e unidas identificam a criança como Frida. (...) O bebê parece natimorto. Um lençol cobrindo a cabeça e o peito da mulher, como se ela tivesse morrido ao dar à luz enfatiza a total exposição do parto.” (p. 197)

Herrera (2011) conta que, embora o quadro retrate o nascimento da própria Frida, também pode se referir ao aborto recente que havia sofrido. Frida afirmou sobre a tela: “A minha cabeça está coberta porque, coincidentemente à elaboração da pintura, minha mãe morreu” (HERRERA, 2011, p. 198). Como uma condensação, indica que era ela mesma a mulher que dava à luz e, no mesmo ato, também era a que nascia. Kahlo tenta, através da pintura, ser mãe de si mesma, talvez. Há aí a construção de uma saída para a dificuldade na identificação feminina, com o Outro primordial, e na simbolização da falta oriunda da castração. Como aponta Drummond (2011):

“(...) a devastação tem um lado de reivindicação fálica, ligado ao desejo da mãe, e um lado não todo fálico, um modo de gozar que se articula ao deslumbramento do corpo e que deriva da dificuldade de simbolizar o gozo feminino. Ela se origina no ponto em que a filha espera uma identificação feminina que sempre se revela impossível. Para o sujeito feminino, é sempre difícil desprender-se dos impasses do gozo, ali onde a deixou o desejo materno” (p. 12).

Frida, após um período nos Estado Unidos com Diego, passou um ano inteiro sem pintar, ao retornar para o México em 1933. No ano de 1935 pintou apenas duas telas: *Unos cuantos piquetitos* e *Autorretrato con pelo rizado*. A primeira tela é baseada numa notícia

de jornal: um homem bêbado apunhalou com uma faca vinte vezes a namorada em cima de uma cama estreita. No seu autorretrato, Frida aparece com os cabelos bem curtos e encaracolados, sem vestir os trajes *tehuanos* (HERRERA, 2011).

Nos quadros de Frida denominados *Lembrança* (1937) e *Recordação de uma ferida aberta* (1938), ela dá a testemunha do que sofreu, alguns anos antes, ao descobrir o envolvimento de Diego com sua irmã, Cristina, o que demonstra a persistência da dor que o acontecimento lhe causou.

Em *Lembrança*, vemos penduradas em cabides e ligadas por uma fita vermelha – ou uma veia sanguínea-, de um lado uma vestimenta colegial em tamanho infantil (certamente uma referência à infância) e, do outro, o tradicional traje *tehuano*. Entre as duas vestimentas se encontra a imagem de Frida, sem nenhum dos braços, um dos pés enfaixado e com uma enorme viga atravessada no peito. Na tela, há uma representação dela em três pessoas, todas incompletas: seu corpo sem braços e as duas vestimentas desprovidas de um corpo. No canto da tela, observa-se um enorme coração, que se refere ao seu próprio coração partido arrancado do peito: “O enorme coração de Frida jaz a seus pés, um imponente monumento à imensidão de sua dor” (HERRERA, 2011, p. 233).

No quadro *Recordação de uma ferida aberta*, Frida já se apresenta com uma expressão mais desafiadora, entretanto, seu corpo ainda é igualmente sangrento. De pernas abertas, levanta a saia *tehuana*, exibindo um enorme corte na perna bem próximo à sua genitália. Essa lesão na coxa sendo uma invenção, pois Frida não a tinha de fato, pode ser “concebida como uma ferida sexual ou como o ferimento real em sua vagina causado pela barra de metal que havia varado sua região pélvica no acidente” (HERRERA, 2011, p. 234). Exibe ainda o pé enfaixado, uma lesão real que aparece também em *Lembrança*, em referência à cirurgia a que ela se submeteu precisamente quando Diego se apaixonara por sua irmã (HERRERA, 2011).

Logo após a segunda separação com Rivera, os problemas de saúde de Frida se agravam bastante. No ano seguinte, ela retrata, em *Autorretrato com pelo corto*, a sua devastação. Na tela Frida se encontra sentada numa cadeira no meio de uma paisagem árida, com uma tesoura na mão, os cabelos curtos. Tranças inteiras e mechas do seu cabelo estão espalhados por toda a cena, pendurados na cadeira e no seu colo. O quadro é representado como um *retablo* – tipo de pintura mexicana derivada da arte tradicional da igreja católica -, e contém o trecho de uma música popular mexicana escrita na parte superior: “*Mira que si te quise, fué por el pelo, Ahora que estás pelona, ya no te quiero*”. Além disso, ela se encontra vestida em um terno e sapato masculinos, despida de suas insígnias: a saia *tehuana*, blusa bordada e acessórios. Aí se encontra com a devastação, a queda da máscara da feminilidade.

Joan Riviere (2005) define a feminilidade como uma máscara, onde ela delimita a posição da mascarada. Para a autora, o sujeito falha quando busca encontrar na mãe a resposta para a feminilidade, de valor fálico, que não a possui; e também quando a busca no

pai, que não dá o acesso. Desenvolve-se, então, um sadismo voltado aos dois, pois negam-lhe o objeto de desejo, mas que no caso das meninas esse ódio volta-se especialmente à mãe, enquanto busca identificar-se com o pai, obtendo o objeto clandestinamente. Dessa forma, a menina criaria estratégias de apaziguamento da relação para com o pai, que se daria a partir do mascaramento sob o disfarce feminino (RIVIERE, 2005). Esta posição fálica, da tomada do objeto do pai, seria uma saída, frente à angústia da castração, ao conflito existente entre fazer-se mulher e certa aspiração à masculinidade (FONTENELLE, 2016).

A partir da leitura lacaniana, compreendemos que o significante fálico é o que estrutura a identidade masculina, enquanto a identidade feminina passa por aí, mas também é não-toda fálica. Mirian Maranhão (2008) aponta que, se a mascarada é uma criação particular de cada mulher em busca da identidade própria, é importante saber de que modo essa mascarada é construída. A autora ressalta, então, uma não-identidade feminina, que se constitui a partir da falta, a partir de uma tecelagem: cada mulher vai encontrar no campo das identificações fios que lhe servem à sua própria constituição, compondo uma tessitura singular.

Como é destacado por Laurent (2012), o falo se encontra no lugar da falácia. Etimologicamente, o termo falácia deriva do verbo latino *fallere*, que significa enganar:

“É muito diferente da maneira como o falo é representado nos Escritos. No texto que expõe a posição clássica, *Die Bedeutung des Phallus* ('A significação do falo'), o falo estava ali para testemunhar da significação, e mesmo para demonstrar todos os efeitos de significação. Agora, ele é reencontrado como uma falácia que dá testemunho do real.” (LAURENT, 2012)

O objeto que as mulheres tanto buscam também não pertence aos homens, que são igualmente acometidos pela castração. O que faz com eles também entrem no jogo das aparências e encenem o *ter* para o feminino, por isso também possuem dificuldade em encontrar uma identidade. A diferença entre as duas posições, para Maranhão (2008), está na forma como vão buscar essa identidade:

“Considerando o valor que a sociedade patriarcal atribui à insígnia fálica, pode-se dizer que a tarefa feminina de buscar modos de fazer um discurso próprio a partir da aparente 'desvantagem' (apregoadada através do discurso social), e do vazio, é revolucionária, é subversiva por si só. Desse modo, cabe refletir sobre esta estratégia, a luz dos conhecimentos da teoria lacaniana.” (p. 73)

Em Frida Kahlo, apreendemos a mascarada em sua produção artística e de si mesma, como uma forma de lidar com a falta. Como aponta Maranhão (2008), “a pintura assume uma função sublimatória: ser mulher, em sua inteligência, desenvoltura e competitividade, mas, também, em sua desenvoltura e coquetismo”. Em contraponto, quando Frida perde seu o objeto de amor, o *postitço* falha, o que é refletido, cerca de um ano após a separação, em *Autorretrato de pelo corto*: ela se apresenta nua, despida da máscara que criou para si,

como se não fosse possível uma identidade sem Diego. Miranda (1995) explica:

“Um homem pode ser para uma mulher não só o significante que a falcize, ou seja, que a tome desejável, colocando-a no lugar de ser o falo para ele, mas pode ser também aquilo que a remete a esse laço primordial com a mãe, lugar onde a função fálica não reabsorveu totalmente. Esse laço, não sendo do lado do significante fálico, é o que resta fixado ao gozo, à letra.” (p. 144)

Dessa forma, é possível perceber que quando há uma lacuna na relação de Frida com a mãe, o Outro primordial, ela acaba indo buscar um preenchimento na relação amorosa. Quando essa relação se arreventa, o significante fálico falha, e então “a mascarada de ser ou ter o falo cai, quando os semblantes desse jogo não se sustentam, temos a devastação” (MIRANDA, 1995, p. 146). Frida, ainda imersa em sofrimento, insistia nesse amor, como observa-se nessa carta endereçada à Diego após a primeira separação:

“Todas essas coisas foram repetidas ao longo dos sete anos em que vivemos juntos, e todos esses ataques de ódio que senti serviram apenas para me fazer entender no fim que eu te amo mais do que a própria carne, e que, embora talvez você não me ame do mesmo jeito, de alguma maneira você ainda me ama, não é? [...] Vou sempre esperar que isso continue, e com isso já estou contente.” (HERRERA, 2011, p. 229)

Kahlo diz ficar contente apenas com esse vislumbre, ilusão de amor, pois é o que ela necessita, quase como uma condição de existência. Miranda (1995) coloca que na devastação o sujeito é um objeto a mercê do Outro, não é o seu próprio desejo que importa, mas sim “a demanda, o desejo, ou o gozo do Outro” (p. 145). Se a mulher é para o homem – ou sujeito do desejo masculino – um sintoma, na devastação o ser do sujeito se reduz ao ser do sintoma que é para o Outro, o que leva a um gozo aniquilante.

Frida, por meio de uma carta, afirmou que amava Diego “mais que a sua própria carne”, o que indica que havia amor demais para com ele, e de menos consigo mesma. Essa total sujeição ao desejo do Outro, em detrimento do seu próprio desejo, é a marca da devastação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho a partir da vida Frida Kahlo só pôde ser realizado a partir do que podemos capturar: na simbologia de suas obras, nas suas cartas, em entrevistas pessoais e relatos de conhecidos. É certo que se trata de um ofício ardiloso tratar da vida de alguém assim, sem tê-la conhecido, isto é, apresentar um caso que não está em processo analítico. Entretanto, a proposta não é mesmo tratar esses fragmentos da sua vida da mesma maneira que nos referimos às formações do inconsciente, mas sim tomar no que as suas obras desconcertam a linguagem, no seu valor de sintoma, na tentativa de significação. Ainda mais se considerarmos como a figura de Frida se tornou referência para muitas mulheres.

Frida foi marcada pelo trauma diversas vezes ao longo de sua vida, a poliomielite quando criança, o acidente, as idas e vindas com Diego, o sonho não realizado de ser mãe. O acidente, especificamente, toma um valor de acontecimento de corpo, à medida que se insere como um gozo que não se localiza a partir do inconsciente, sendo um significante que aponta para o sem sentido. A lacuna na relação com a mãe faz com que Frida encaminhe uma demanda de amor ao seu parceiro, que quando não há resposta, retorna para ela mesma, sob a forma de devastação.

Apesar de tudo, a artista pôde encontrar na expressão de sua dor por meio da pintura uma forma de lidar com o vazio da não-identidade, uma maneira de canalizar as sucessivas perdas que lhe ocorreram ao longo da vida. As suas obras mostram uma tentativa de fazer existir um corpo alojado no discurso por meio da produção constante de si mesma. Dessa forma, podemos, a partir da leitura de Maranhão (2008), considerar a mascarada como um “(...) não-conformismo feminino diante do que (não) lhe foi dado, daí o caráter subversivo: fazer surgir algo criativo no lugar da falta, sendo esta falta não mais pensada em termos anatômicos, mas produzida no discurso social.”

Através da mascarada, Frida utilizou-se de fazer existir uma mulher ideal, mas o ideal feminino é apenas um dos aspectos do falo. Se a identificação com a mãe não se sustenta, por ela não saber o que é ser uma mulher, com o pai essa identidade submete-se ao que o discurso patriarcal acredita que é uma mulher. Que a mulher possa ser mais do que um sintoma para o homem, mas também ser Outra para si mesma, quer dizer, ser sintoma para si mesma.

REFERÊNCIAS

BESSET, V. L. **Corpo e histeria: atualizações sobre a dor**. Rio de Janeiro: Polêmica, v. 9, n. 4, out/dez. 2010.

DUPIM, G. **Angústia, corpo e dor: particularidades nas escolhas amorosas**. Tese (doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, 2014.

DUPIM, G. V. S.; BESSET, V. L. S. L. **Devastação: um nome para dor de amor**. Opção Lacaniana online nova série, v. 6, p. 1-6, 2011. Disponível em: <<http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/devastacao_um_nome_para_dor_de_amor.pdf>>. Acesso em 12 jul. 2021.

DRUMMOND, C. **A devastação**. Opção Lacaniana online nova série. v. 6, p.1-14, 2011. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Devastacao.pdf> Acesso em 12 jul. 2021.

FARIAS, Florencia. **O corpo da histérica – O corpo feminino**. 2010. Disponível em: <<http://www.champlacanian.net/public/docu/4/rdv2010pre5.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FONTENELLE, Aléssia Silva. Os amores de Frida Kahlo. **Asephallus**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 11, p.88-101, abr. 2016.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos [1925]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. XIX.

FREUD, S. Sexualidade feminina [1931]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro. Imago, 1972. v. XXI.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise: A feminilidade [1933]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro. Imago, 1972. v. XXII.

HERRERA, Hayden. **Frida: A biografia**. São Paulo: Globo, 2011.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu [1949]. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, J. A significação do falo [1958]. In.: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **Seminário, livro 20: mais ainda [1972-1973]**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. **Seminário, livro 10: a angústia [1962-1963]**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

LAURENT, Eric. **Falar com seu sintoma, falar com seu corpo**. 2012. Disponível em: <http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Argumento/Hablar-con-el-propio-sintoma_Eric-Laurent.html>. Acesso em: 12 jul. 2021.

LEITE, Nina Virgínia de Araújo (org.). Lalíngua: território de gozo/ Gozo: território de lalíngua. In: LEITE, Nina Virgínia de Araújo; AIRES, Suely; VERAS, Viviane (org.). **Linguagem e gozo**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. Cap. 8. p. 115-126.

MANDIL, Ram Avraham. Há um acontecimento de corpo. **Opção Lacaniana**, Buenos Aires, v. 13, n. 5, p.1-6, mar. 2014.

MARANHÃO, Míriam Tenório. **A mascarada lacaniana: Arte e revolução, vertentes possíveis à feminilidade**. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

MILLER, J.-A. **O osso de uma análise**. Salvador: EBP-BA, 1998. [1998].

MILLER, J.-A. **Uma partilha sexual**. Opção lacaniana, n. 20, jul. 2016. [1998].

MIRANDA, Elizabeth da Rocha. Quando a máscara cai: a devastação. In: JIMENEZ, Stella; SADALA, Glória. **A mulher: Na psicanálise e na arte**. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1995. Cap. 4. p. 139-146.

RIVIERE, Joan. A feminilidade como máscara. **Psyche**, São Paulo, v. 9, n. 16, p.1-1, dez. 2005.

SUAREZ, Esthela Solano. Lacan e as mulheres. In: **O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012. p. 91-99.

VILANOVA, Andréa. **Um corpo, três registros: RSI. Considerações sobre o fenômeno psicossomático.** *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, jun. 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acting Out 5, 42, 46, 47, 53, 92
Adultos 1, 60, 63, 64, 67, 68, 72, 79, 110, 167
Agricultor 116, 119, 122, 123, 124, 125
alevosía 5, 48, 49, 54
angústia 1, 3, 5, 7, 18, 20, 21, 125
asesinato 5, 42, 48, 49, 54, 55, 56, 58, 59, 82

B

Bem-Estar 5, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 97, 165
Bienestar psicológico 6, 71, 78, 79

C

cannabis 48, 49, 52
cocaína 49, 50, 52, 164
consciente 5, 11, 36, 75
consumo de tóxicos 5, 48, 50
Corpo 5, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 159, 162, 164, 165, 167
cuádruple asesinato 42

D

Depressão 121, 124, 125, 129, 130, 133, 164, 167
desejo 1, 3, 4, 6, 10, 13, 15, 16, 18, 19, 28, 62
desórdenes mentales 109
Devastação 5, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21
Dor 1, 8, 10, 11, 12, 13, 17, 20, 165, 166, 172

E

Educação em saúde 94, 96, 97, 98, 105, 106
ensañamiento 5, 48, 49, 54

F

Felicidade 5, 4, 27, 28, 33, 34, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68
Feminino 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 24, 26, 60, 64, 66, 128, 130, 131
Feministas 5, 23, 24
filicidio 6, 82, 91, 92

“folie à deux” 5, 47, 53, 55, 59, 92

H

Hipnose 7, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

hipnose de procedimiento 157, 160, 161

hipnoterapia 157, 159, 160, 161, 162, 166, 167, 168, 169, 173

I

Impulsividad Patológica 5, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 83

inconsciente 5, 3, 11, 19, 20, 36, 37, 38, 40, 158, 159, 175

inducción al asesinato 55

inimputabilidad 55

Instagram 94, 95, 97, 98, 99, 104, 105, 106

J

Jane Austen 5, 23, 24, 28, 32, 34

Juventude 12, 60, 66, 68

L

luto 1, 6, 15

M

mentira 5, 36, 37, 38, 39, 40, 41

modelo multidimensional 79, 138

Mulher 8, 9, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 67, 164

N

Nivel de ansiedad 109, 111, 112, 115

P

penal 46, 53, 59, 82, 92

prevalencia 42, 109, 111

Procrastinação 137, 138

Promoção da saúde 6, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 107, 135

pruebas psicopatologicas 48

psicodiagnóstico 129, 136

psicofarmacologia 129

psicosis 48, 55

psicoterapia 129, 134, 135, 158, 159, 163, 164, 170, 172

R

Redes sociais 6, 1, 66, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 107

revisão 8, 63, 106, 157

Romance 24, 28, 34

S

Saúde Mental 8, 97, 98, 106, 107, 116, 121, 129, 130, 136, 173

servicios de salud 6, 109

Síndrome de Amok 5, 42, 43, 47

sintoma 1, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21

Suicídio 6, 116, 117, 118, 119, 121, 125, 126, 127, 132, 167

T

Tabaco 116, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127

tempo 1, 3, 5, 6, 10, 12, 13, 26, 27, 31, 33, 34, 63, 68, 105, 121, 132, 161, 163, 164

Tercera edad 6, 71, 72, 79

teste de autorrelato 138

transtorno obsessivo 129, 132, 133, 136

transtorno psicótico 129, 132, 133, 134

trastorno de la personalidad 6, 48, 49, 52, 82, 84, 89

trastorno delirante 55

trastorno depresivo mayor psicótica 82

Trastorno Explosivo Intermitente 42, 43, 44, 46

trastorno mental severo 55

V

validade de conteúdo 137, 138





A PSICOLOGIA

e a exploração

DA PERCEPÇÃO, COGNIÇÃO, EMOÇÃO E PERSONALIDADE



Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A PSICOLOGIA

e a exploração

DA PERCEPÇÃO, COGNIÇÃO, EMOÇÃO E PERSONALIDADE

